

## *Pedro Gondra y Pedro Plá: dois cristãos a serviço dos pobres da América Latina*

Iraneidson Santos Costa <sup>1</sup>

*A Pedro Maria, filho.*

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v11i32.43928>

**Resumo:** Neste artigo, percorremos os itinerários de dois cristãos da libertação, ambos espanhóis, o padre jesuíta Pedro Arrupe y Gondra e o bispo claretiano Pedro Maria Casaldáliga i Plá, compreendendo suas trajetórias como fios de uma mesma meada, percursos que correram em paralelo mas que tiveram na América Latina um ponto de convergência em sua missão a serviço dos pobres. Assim, recuperamos sua origem anticomunista, a primeira conversão aos pobres, a opção missionária e o compromisso com a libertação dos povos oprimidos e a denúncia intransigente a todo tipo de injustiça social, ressaltando a importância da América Latina em suas novas e decisivas conversões.

**Palavras-chave:** Pedro Arrupe; Pedro Casaldáliga; Cristianismo de Libertação; América Latina.

### **Pedro Gondra y Pedro Plá:**

#### **two christians to service of the poor of Latin America**

**Abstract:** In this article, we cover the itineraries of two liberation christians, both Spanish, the Jesuit priest Pedro Arrupe y Gondra and the Claretian bishop Pedro Maria Casaldáliga i Plá, understanding their trajectories as threads of the same skein, paths that ran parallel but had in Latin America a point of convergence in its mission at the service of the poor. Thus, we recover its anti-communist origin, the first conversion to the poor, the missionary option and commitment to the liberation of the oppressed peoples and the uncompromising denunciation of all kinds of social injustice, highlighting the importance of Latin America in its new and decisive conversions.

**Key-words:** Pedro Arrupe; Pedro Casaldáliga; Christianity of Liberation; Latin America.

### **Pedro Gondra y Pedro Plá:**

#### **dos cristianos al servicio de los pobres de América Latina**

**Resumen:** En este artículo, recorrimos los itinerarios de dos cristianos de la liberación, ambos españoles, el padre jesuíta Pedro Arrupe y Gondra y el obispo claretiano Pedro

<sup>1</sup> Professor do Departamento de História da UFBA. Email: irancosta@hotmail.com.

María Casaldáliga i Plá, comprendiendo sus trayectorias como hilos de una misma madeja, recorridos que corrieron en paralelo pero que tuvieron en América Latina un punto de convergencia en su misión al servicio de los pobres. Así, recuperamos su origen anticomunista, la primera conversión a los pobres, la opción misionera y el compromiso con la liberación de los pueblos oprimidos y la denuncia intransigente a todo tipo de injusticia social, resaltando la importancia de América Latina en sus nuevas y decisivas conversiones.

**Palabras clave:** Pedro Arrupe; Pedro Casaldáliga; Cristianismo de Liberación; América Latina.

*Recebido em 31/07/2018 - Aprovado em 18/08/2018*

### **1. Perico e Pedrito**

Dois Pedros marcaram o cristianismo do século XX de maneira profunda. Naturais das Espanhas, foi bem longe delas que seu testemunho fecundou a vida daqueles com quem conviveram. O mais velho dos dois nasceu em 1907 no Casco Viejo de Bilbao, no coração do País Basco, a mesma terra do fundador da ordem religiosa que haveria de acolhê-lo anos depois, a Companhia de Jesus. Sua opção missionária levou-o ao extremo do mundo, o Japão, por longos 27 anos. Uma vez eleito superior dos jesuítas, viveu o resto dos seus dias em Roma, no centro do mundo (católico).

O outro Pedro vem de Balsareny, na mesma Catalunha de Antônio Maria Claret, fundador da Congregação dos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria, na qual ingressou adolescente ainda. Igualmente missionário, após uma breve experiência na África passou a vida inteira no “fim do mundo”, como era considerada a Amazônia na década de 1960. Endereço: São Félix do Araguaia.

Não temos registro de que tenham se conhecido pessoalmente. Em sua primeira visita ao Brasil, já como Geral jesuíta, em maio de 1968, Pedro Gondra percorreu vinte cidades deste imenso país, mas a pequenina São Félix, sem luz elétrica, telefone, telégrafo ou correio, não fez parte do roteiro. Aliás, Pedro Plá havia acabado de chegar ao Araguaia justo naquele ano e estava se ambientando a uma realidade pastoral desafiadora. De mais a mais, os dois Pedros sempre tiveram estilos bem diferentes: enquanto o basco era um incansável viajante internacional (“turista de pessoas”, como costumava dizer), o catalão preferia andar, e muito, pela Prelazia que lhe foi destinada (o que não é pouca coisa, levando em consideração os 150.000 km<sup>2</sup> de sua extensão, cerca de cinco vezes o tamanho de sua Catalunha natal).

Seguramente, não foi em Roma o local deste hipotético encontro. Como vimos, Pedro Arrupe residiu na capital italiana desde a eleição para o cargo máximo da Sociedade de Jesus, em maio de 1965. Pedro Casaldáliga, por outro lado, apesar de ter sido elevado ao episcopado desde 1971, só esteve lá uma vez, em 1988, tendo desconsiderado o quanto pode as convocações para a visita *ad limina apostolorum*, que os bispos são obrigados a fazer de cinco em cinco anos para “reforçar os laços com a Sé Apostólica”. Considerava uma perda de tempo, energia e dinheiro.

Neste artigo, recuperaremos os itinerários de Pedro Arrupe y Gondra e de Pedro Maria Casaldáliga i Plá como fios de uma mesma meada, trajetórias que correram em paralelo, aproximando-se aqui, afastando-se acolá, mas que tiveram na América Latina um ponto de convergência em suas respectivas missões a serviço dos pobres.

## 2. Conversões

Bem antes da opção missionária, no entanto, um outro traço uniu estes Pedros: foram dois típicos padres espanhóis, cujo anticomunismo remontou aos embates cruéis da Guerra Civil Espanhola. Nascido em 1928, Pedro Casaldáliga recordou em seu livro de memórias *Creio na Justiça e na Esperança* esses tempos fundantes: “Eram os tempos da ditadura boa: a ordem e as direitas eram, por princípio, o bem. A Revolução de 36 me pegou na zona vermelha. E meu tio Luís, sacerdote, foi morto pelos vermelhos, (...) quando já estavam alcançando o esconderijo providencial” (CASALDÁLIGA, 1979, p. 19). Não causa espanto, portanto, que Pedrito, como era chamado em casa, estivesse cantarolando uma tradicional canção falangista (“*Lánzate al cielo, flecha de España, que un blanco has de encontrar/ Busca el Império que ha de llevarte por cielo, tierra y mar...*”) no dia em que tomou coragem de contar a sua mãe a decisão de se tornar padre (idem, p. 21).

No caso de Pedro Arrupe, tal postura foi igualmente explícita: no início de sua temporada japonesa, ele chegou a escrever um livro chamado *A verdade sobre o comunismo*. E, por ocasião de sua eleição para Geral, era tido como um candidato politicamente conservador e centrista. Mas deixemos que eles próprios narrem seus processos de conversão. Em 1923, o jovem basco era ainda estudante de medicina (curso que abandonaria posteriormente) em Madri quando se converteu pela primeira vez ao conhecer os pobres nas Conferências de São Vicente de Paulo. É ele mesmo quem o relata em sua autobiografia, intitulada *Eu vivi a bomba atômica!*:

Aquilo, confesso ingenuamente, foi um mundo novo para mim. Encontrei-me com a dor terrível da miséria e do abandono. Viúvas carregadas de filhos que pediam pão sem que ninguém lhe ajudasse. Doentes que mendigavam a caridade de um remédio sem que nenhum samaritano o acudisse. E, sobretudo, crianças, muitas crianças, meio abandonadas umas, maltratadas outras, malvestidas a maioria, e cotidianamente esfomeadas todas (ARRUPE, 1965, p. 14, tradução nossa).

Já Pedro Casaldáliga converteu-se inicialmente com os pobres na Guiné, então espanhola, onde fora enviado para fundar os Cursilhos de Cristandade por volta de 1961:

Senti fisicamente a África, colonizada e catequizada, com o golpe do ar tropical que me invadia os pulmões (...) Senti furiosamente a realidade e o chamado do Terceiro Mundo. E, quando regresssei, véspera de Reis, com minha batina

branca deliciosamente ridícula, naquele janeiro de Madri, trazia para sempre no coração, confusamente, como um feto, a África, o Terceiro Mundo, os Pobres da Terra e essa nova Igreja – a Igreja dos Pobres –, assim denominada mais tarde, a partir do Concílio (CASALDÁLIGA, 1979, p. 26)

Outras conversões ocorreriam depois, assim como um maior embasamento teórico e uma definição ideológica mais precisa. O ideal de pobreza evangélica persistiria, contudo, como a base da radical opção missionária. O Pedro catalão versejou em seu belo poema “Pobreza Evangélica”:

Não ter nada.  
Não levar nada.  
Não poder nada.  
Não pedir nada.  
E, de passada,  
não matar nada;  
não calar nada.  
Somente o Evangelho,  
como uma faca afiada.  
(CASALDÁLIGA, 1978, p. 171)

Perico, como era chamado o Pedro basco, nunca foi dado a métricas, mas deixou-nos esta tocante reflexão acerca da pobreza inaciana pelo viés da eficácia apostólica numa palestra pronunciada em dezembro de 1973:

Por que perdemos tanto a credibilidade como ministros do Evangelho? Porque o povo não nos vê como pobres. Somente o testemunho da pobreza sinceramente vivida restaurará a credibilidade de nosso apostolado, conferindo-lhe assim mais eficácia. Pode parecer um paradoxo, mas a exiguidade no uso das coisas é hoje mais eficiente apostolicamente que rodear-se de abundância de meios (*apud* NEUTZLING, 1991, p. 44).

### **3. Fé e justiça**

Num aspecto, porém, os dois Pedros sempre estiveram muito próximos: no compromisso com a libertação dos povos oprimidos e na denúncia intransigente a todo tipo de injustiça social. Em 1970, o Pedro claretiano não hesitou em publicar um dos documentos mais vigorosos da Igreja Católica brasileira, “Escravidão e feudalismo no norte do Mato Grosso”, no qual reuniu dezenas de casos de mulheres, índios, peões e trabalhadores em geral que haviam sido ludibriados, explorados e violentados por latifundiários, policiais, militares e poderes públicos. Sua condição canonicamente

precária de administrador apostólico não o impediu de denunciar “a verdade revoltante dos fatos” por ele coletados ao longo daqueles dois anos vividos entre o Araguaia e o Xingu, de maneira que não lhe restou alternativa senão “gritar” ao modo de um profeta: “Escrevo-o por dever de consciência, por imperativo da mais elementar justiça cristã. Nestes últimos meses a tragédia estourou em tais termos que não pode ser mais calada. Nem para todos será uma voz no deserto a minha pobre voz de estrangeiro missionário” (CASALDÁLIGA, 1972, p. 60).

Por sua vez, desde 1965 o Pedro inaciano vinha promovendo uma série de reflexões, debates e publicações em torno do *aggiornamento* (atualização) pretendido pelo recém-concluído Concílio Vaticano II, mormente no que dizia respeito ao apostolado social. Apesar de circulação mais restrita, eles foram decisivos na renovação experimentada não apenas pelos jesuítas como também por amplos segmentos da Igreja Católica nas décadas seguintes. O cume deste processo ocorreu na Congregação Geral XXXII (uma espécie de Capítulo Geral) da Companhia de Jesus, realizada entre dezembro de 1974 e março de 1975, quando os cerca de 30.000 membros da Ordem espalhados pelos quatro cantos do planeta redefiniram (ou atualizaram) sua missão através do célebre Decreto 4, denominado “Diaconia da Fé e Promoção da Justiça”: “A missão da Companhia de Jesus, hoje, é o serviço da fé, do qual a promoção da justiça constitui uma exigência absoluta enquanto faz parte da reconciliação dos homens, exigida pela reconciliação dos mesmos com Deus” (COMPANHIA de Jesus, 1975, p. 37).

Não à toa, eles foram rotulados inúmeras vezes de “esquerdistas” e “comunistas”. O Pedro catalão, ademais, sofreu vários processos de expulsão do Brasil, sob a acusação de fomento à subversão, agravada por sua condição de estrangeiro. Dotado de fino humor, ele gostava de replicar, afirmando que as oito malárias contraídas na Amazônia já o haviam naturalizado... Sua melhor defesa se encontra na singela “Canção da Foice e do Feixe”, que verseja numa de suas estrofes:

Me chamarão subversivo  
E eu lhes direi: o sou.  
Por meu povo, em luta, vivo,  
Com meu povo, em marcha, vou  
(CASALDÁLIGA, 1979, p. 55)

Por seu turno, o Pedro basco enfrentou graves crises, tanto internas a sua Ordem e à Igreja quanto no relacionamento dos jesuítas com alguns governos e grupos políticos e empresariais capitalistas, uma vez que fazia questão de distinguir a luta contra o ateísmo, de um lado, do antimarxismo, de outro, defendendo, inclusive, o diálogo e a colaboração entre cristãos e marxistas de forma “honrada e transparente, na medida e nos limites do bem comum” (ARRUPE, 1982, p. 239, tradução nossa). Sua carta sobre a análise marxista, de dezembro de 1980, é uma síntese preciosa desta postura.

Em primeiro lugar, não obstante as reservas que se deve fazer em relação à análise marxista, devemos reconhecer e

tentar compreender as razões da atração que exerce sobre tantas pessoas. (...) Devemos nos manter sempre dispostos ao diálogo no que concerne aos marxistas. (...) Enfim, devemos também nos opor com firmeza às tentativas dos que gostariam de aproveitar as reservas que temos diante da análise marxista para estimar menos ou até condenar como “marxismo” ou “comunismo” o compromisso pela justiça e pela causa dos pobres, a defesa que os explorados fazem de seus próprios direitos, as reivindicações justas (ARRUPE, 1981, p. 11-12).

Assim, não será nenhuma surpresa se o analista do século XXI, ao se debruçar sobre suas trajetórias, cair na tentação de apresentá-los como dois dos maiores representantes das esquerdas cristãs do século passado, numa sugestão de que seu compromisso com a causa da justiça teria sido resultante de uma motivação preponderantemente ideológica. O que seria uma interpretação apressada, para não dizer equivocada. Como vimos há pouco, a conversão de ambos aos pobres é anterior tanto ao amadurecimento intelectual e político quanto à própria aproximação com as ideias e movimentos da esquerda tradicional.

#### **4. Batismo na América Latina**

De qualquer modo, a América Latina representou uma nova e decisiva conversão para estes autênticos cristãos da libertação. Na bela expressão do Geral Peter-Hans Kolvenbach, sucessor de Arrupe, “foi a América Latina que abriu os olhos dos jesuítas ao amor preferencial pelos pobres e à verdadeira libertação integral do homem” (ESTUDIOS..., 1985, p. 56). Iniciemos pelas importantes conferências episcopais ocorridas no continente nas décadas de 1960 e 1970, a exemplo de Medellín (1968) e Puebla (1979), que se incumbiram de traduzir em termos latino-americanos a noção (consagrada pelo Concílio) de Povo de Deus, aqui ressignificada enquanto “opção preferencial pelos pobres”.<sup>2</sup>

Curiosamente, Pedro Casaldáliga não esteve presente em nenhum dos eventos: na Colômbia, recordemos, porque havia desembarcado no Mato Grosso em junho daquele ano; em Puebla, por não ter sido eleito delegado pela assembleia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Mesmo à distância, porém, o já ordenado bispo de São Félix do Araguaia teve uma participação decisiva no rumo dos debates, na medida em que repercutiu bastante sua declaração à imprensa, veiculada dias antes da abertura da referida Conferência, de que seria preciso que “Puebla de los Angeles se converta em Puebla de los Hombres” (*apud* BETTO, 1979, p. 11).

O Geral jesuíta participou dos dois encontros como convidado especial de Roma em virtude de sua condição de presidente da União de Superiores Gerais das

<sup>2</sup> Para uma análise minuciosa desse processo, cf. Costa, 2011, p. 29-37.

Ordens Religiosas (USG), cargo para o qual foi eleito pela primeira vez em 1967 e reeleito mais quatro vezes, tendo ficado à frente da entidade por 14 anos, nos quais comandou nada menos que 220 ordens e congregações religiosas e um total de mais de 300 mil religiosos e religiosas do mundo inteiro. Medellín serviu para que Pedro Arrupe tivesse o primeiro contato com aquela inolvidável geração de bispos proféticos latino-americanos, a exemplo de Eduardo Pirônio, da Argentina, e de Helder Câmara, do Brasil, de quem se tornou um grande amigo (cf. LAMET, 2002, p. 305).

Mas foi na cidade mexicana sua atuação mais relevante. A começar pela expressiva delegação de 120 jesuítas (10 apenas dos quais eram delegados oficiais) que a Companhia de Jesus levou para Puebla, o que deu ensejo para que alguns órgãos de imprensa falassem de uma suposta “assembleia paralela” dos jesuítas (cf. ASSEMBLEIA..., 1980, p. 26-29). Em meio a uma atribulada agenda de sessões de estudo, conversas e entrevistas, ele concedeu uma conferência de imprensa a 250 jornalistas, na qual explicitou a centralidade que imputava à América Latina:

Há um capitalismo espiritual, e vocês são os grandes capitalistas [risos], e não têm direito a permanecer aqui com seu capital, têm que dar aos demais (...) Por isso, eu gostaria de ver na América Latina um espírito missionário, dilatador, universal, que divulgue essa reserva que vocês têm. E se alguém, talvez por não conhecer o povo latino-americano, o desvaloriza, se equivoca e perde. Não, não! Existe aqui um capital tremendo que vale muito mais do que todas as investigações filosóficas de outras nações (ARRUPE, 1979, p. 20)

Dentro do universo latino-americano, um local, porém, mereceu uma atenção especial e, por que não dizê-lo, exerceu um fascínio sobre os dois Pedros: a América Central. Alguns estudiosos da vida e da obra de Pedro Arrupe não hesitam em falar de uma “paixão compartilhada” (SARIEGO, 2007). Pedro Casaldáliga, por seu lado, dedicou pelo menos três livros de poemas e memórias à região (cf. CASALDÁLIGA, 1984; 1986a; 1988).

Como a América Latina entrou em suas vidas? No caso do jesuíta basco, é preciso recuar bastante no tempo, já que seu primeiro contato se deu em 1936, quando ele ainda cursava a especialização em Medicina e Moral no Estado norte-americano do Arkansas e reservou um período de férias para conhecer o México. Anos depois, já missionário no Japão e tendo vivido o episódio da bomba atômica em Hiroshima (cf. ARRUPE, 1965), ele fez duas viagens pela Europa e América Latina (em 1950 e 1954-1955) com a finalidade de dar conferências sobre a experiência japonesa e arrecadar fundos para a missão.

A primeira visita na qualidade de Prepósito Geral da Companhia de Jesus, contudo, se deu apenas em maio de 1968, como vimos, quando ele veio ao Brasil para participar de um Encontro dos Provinciais Latino-Americanos no Rio de Janeiro e

aproveitou para fazer um *tour* por vários outros Estados do país. Meses depois, ele retornou ao continente por ocasião da Segunda Conferência Episcopal de Medellín, na Colômbia. O destino passou a ser comum nos seus pêniplos internacionais: em 1971, Guatemala, Panamá, Equador e Peru; em 1973, novamente o Brasil, além de Uruguai, Paraguai, Argentina, Chile, México, Peru e Cuba. Em 1979, além do México, Peru, Bolívia, Panamá, Honduras, Nicarágua e Miami.

Em se tratando do religioso catalão, o comportamento não poderia ser mais distinto. Nos primeiros 17 anos de Brasil, ele pouco se afastou do Araguaia, mesmo depois de ter recebido o báculo episcopal em 1971. A propósito, mencionamos no início do artigo como sua recusa em sair da São Félix irritava as autoridades do Vaticano por descumprir a obrigatoriedade da visita a Roma a cada cinco anos. A América Central foi a responsável por convencê-lo a se afastar temporariamente do território de sua Prelazia. Pedro Casaldáliga saiu de São Félix em meados de 1985, mas não se dirigiu à capital italiana. Ele voou para a Nicarágua, onde permaneceu entre 28 de julho e 21 de setembro. Neste período, ele fez uma interessante referência ao outro Pedro:

Os dois últimos Superiores Gerais da Companhia de Jesus vêm aconselhando seus missionários na Nicarágua a um “apoio crítico” nos processos centro-americanos. Nem mais, nem menos, tampouco. Eu possivelmente vou dar mais... (CASALDÁLIGA, 1986a, p. 20)

Pedro Casaldáliga abandonou o seu recanto do Norte para participar da *Semana Internacional pela Paz em Centro-América* e solidarizar-se com a Insurreição Evangélica pela Paz e pela Vida deflagrada pela greve de fome do padre Miguel D'Escoto, sacerdote da ordem Maryknoll que então ocupava o posto de ministro das Relações Exteriores do governo revolucionário vitorioso em julho de 1979. Nesta mesma época se encontravam na Nicarágua participando da *Insurreição Evangélica* pelo menos três outros religiosos brasileiros: o dominicano Frei Betto, o servita Clodovis Boff e seu irmão, o franciscano Leonardo Boff, este sem poder dar declarações oficiais por estar no “silêncio obsequioso” imposto pelo Vaticano.

Ainda nesta viagem, Casaldáliga visitou o túmulo de Gaspar García Laviana, sacerdote asturiano dos Missionários do Sagrado Coração de Jesus que havia se transferido como voluntário para a Nicarágua no final da década de 1960, e, por volta de dezembro de 1977, optou pela luta armada, ingressando na Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN). Diante da sepultura (coletiva, já que ele se encontra enterrado junto a outros guerrilheiros sandinistas mortos em combate) de García Laviana, localizada em Tola, na zona sul da Diocese de Granada, Pedro Casaldáliga afirmou que ele “deu testemunho, para salvar essa credibilidade, segundo sua consciência íntegra. Amou com aquele amor supremo, que Jesus dizia, e que consiste em dar a vida pelos que amamos” (CASALDÁLIGA, 1986a, p. 67).

Com efeito, pela primeira vez na história, uma revolução socialista vitoriosa incorporava grupos cristãos não apenas nas suas bases como também na própria

liderança, o que pode ser atestado pela expressiva participação de padres e religiosos no comando do governo revolucionário, a começar pelo já citado Miguel D'Escoto, sem falar no jesuíta Fernando Cardenal, membro do *Grupo de los Doce* no período da luta contra a ditadura somozista e, depois, ministro da Educação entre 1984 e 1990.

Aliás, Pedro Arrupe também visitou a Nicarágua sandinista, mas o fez ainda no calor da hora, em fevereiro de 1979, em sua viagem de regresso da Conferência de Puebla, tendo, portanto, testemunhado a vitória sandinista, de modo a “ouvir e ver com seus próprios olhos este novo processo, enquanto escutava a seus irmãos” (SARIEGO, 2007, p. 461). Desde então, porém, ele não regressou mais à América Central, especialmente depois de agosto de 1981, quando, ao voltar de uma viagem à Ásia, sofreu uma trombose cerebral que o impediu de continuar a exercer as funções de Geral da Companhia de Jesus.

A presença de Pedro Casaldáliga na Nicarágua em 1985 soou nos corredores vaticanos como uma dupla afronta: primeiro, por deitar por terra o argumento de que ele não podia se ausentar da Prelazia de São Félix; segundo, pela escolha do lugar, justamente um dos países nos quais a autoridade romana vinha sendo contestada de maneira mais notória em virtude da recusa dos padres e religiosos renunciarem a seus cargos no governo sandinista. Esta correspondência, enviada pelo bispo ao papa em fevereiro de 1986 revela bem o tom da crise:

Há muito tempo queria te escrever esta carta e faz muito tempo que estou pensando nela e meditando em oração. Gostaria que fosse uma conversa fraterna – em sinceridade humana e com a liberdade de Espírito –, assim como também um gesto de serviço de um bispo para com o bispo de Roma, que é Pedro para minha fé, para minha corresponsabilidade eclesial e para minha colegialidade apostólica. Faz dezoito anos que estou no Brasil, para onde vim voluntariamente como missionário. Nunca retornei a meu país natal, a Espanha, nem mesmo por ocasião da morte de minha mãe. Nunca tirei férias ao longo deste tempo. Não saí do Brasil em dezessete anos. Nestes dezoito anos vivi e trabalhei no nordeste do Estado de Mato Grosso, como o primeiro sacerdote que se estabeleceu de forma permanente nesta região. Faz quinze anos que sou bispo da Prelatura de São Félix do Araguaia. (...) Como irmão e como Papa que é para mim, te rogo que aceite a intenção sincera e a vontade apaixonadamente cristã e eclesial tanto desta carta como de minhas atitudes. (...) Penso também que seria bastante apostólico que busque uma avaliação suficientemente livre e participada sobre suas viagens, tão generosas e até heroicas em muitos aspectos, e, contudo, tão contestadas – e, a meu entender, nem sempre

sem motivos. Não seriam tais viagens conflituosas para o Ecumenismo – testemunho de Jesus pedindo ao Pai que fôssemos um –, para a liberdade religiosa na vida pública pluralista? Não exigem essas viagens grandes dispêndios econômicos por parte das Igrejas e dos Estados, revestindo-se assim de uma certa prepotência e privilégios cívico-políticos com relação à Igreja Católica, na pessoa do Papa, que se tornam irritantes para outros? (CASALDÁLIGA, 1986b, p. 1-5, tradução nossa)

Não foi suficiente. Pedro Casaldáliga terminou realizando sua viagem *ad limina* em junho de 1988. Além da audiência protocolar em Roma, sabemos que ele teve vontade de ir a Assis, por conta de sua devoção a São Francisco, e visitar Pedro Arrupe, então convalescendo a Cúria Geral da Companhia de Jesus, “pero no pudo” (cf. VIDAL, 2017). O embate com a hierarquia foi particularmente tenso e a conversa bem pouco fraterna, como podemos ler nas anotações de seu diário:

Tive um encontro conjunto com os cardeais Gantin e Ratzinger e seus secretários. Uma hora e meia de interrogatório e de diálogo, não sei bem pra quê. Ironizando, eu dizia a meus amigos que o encontro seria um exame de disciplina por parte da Congregação dos Bispos e um exame de doutrina por parte da Congregação da Fé. Eu disse aos cardeais que não tenho nenhum problema de fé, graças a Deus, ainda que tenha discrepâncias teológicas com eles; que não tenho problemas de comunhão, mas, sim, desacordos em matéria de disciplina. Estive com o papa João Paulo II. Uns 15 ou 17 minutos. Que não foram “inúteis”, de nenhum modo. (...) O papa ponderou pelo bem da unidade na Igreja; a comunhão e a comunicação, não apenas com ele como também com seus colaboradores. (...) A gente não deixa de se sentir bastante distante e fechado ao Vaticano como Cúria (CASALDÁLIGA, 2005, p. 254-255, tradução nossa)

A solidariedade às lutas dos povos cristãos da América Central entrou igualmente no alvo da Cúria vaticana, como deduzimos das páginas do mesmo diário de Casaldáliga: “Ficou em suspenso, por resolver, minha ida ou não à pobre e pequena Nicarágua. Gantin foi quase agressivo, exigindo-me que não voltasse mais. Disse-lhe que oraria e consultaria. Espero que o Espírito me ajude a decidir na fidelidade e na solidariedade” (CASALDÁLIGA, 2005, p. 255, tradução nossa).

## Ocaso

Pedro Arrupe y Gondra faleceu em 5 de fevereiro de 1991, depois de dez anos de martírio advindo do acidente cerebral que o obrigou a renunciar ao cargo de Geral da Companhia de Jesus e o condenou a um leito na Cúria dos jesuítas, ao lado da Praça de São Pedro. Recentemente, o atual Geral da Companhia de Jesus, padre Arturo Sosa, um jesuíta venezuelano, anunciou a abertura do seu processo de beatificação (cf. SOSA, 2018).

Do alto de seus 90 anos, Pedro Maria Casaldáliga i Plá continua morando em São Félix do Araguaia, na condição de bispo emérito, enfrentando diariamente o martírio do Mal de Parkinson, que ele chama, com resignação, de “meu irmão Parkinson” (cf. SILVA, 2015).

Recentemente, em 2012, teve de abandonar sua casa temporariamente por conta de ameaças de morte feitas por invasores de terras indígenas xavante. De fato, sua missão junto aos pobres de Jesus Cristo ainda não chegou ao fim...

## Referências:

ARRUPE, Pedro. *¿Yo viví la bomba atómica!* Memorias del Padre Arrupe. 3º ed. Cidade do México: Patria, 1965.

\_\_\_\_\_. Entrevista em Puebla. *Promotio Iustitiae*, Roma, n. 11, p. 5-22, março, 1979.

\_\_\_\_\_. *Análise Marxista*. Arraigados e Firmados na Caridade. São Paulo: Loyola, 1981.

\_\_\_\_\_. Marxismo y catequesis. Intervención en el Sínodo, 1977. In: \_\_\_\_\_. *La iglesia de hoy y del futuro*. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, p. 235-239, 1982.

A “ASSEMBLEIA Paralela” dos jesuítas em Puebla. *Jesuítas. Anuário da Companhia de Jesus, 1979-1980*, Roma, edição portuguesa, p. 26-29, 1980.

BETTO, Frei. *Diário de Puebla*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

CASALDÁLIGA, Pedro Maria. Escravidão e feudalismo no norte do Mato Grosso. *Cadernos do CEAS*, Salvador, n. 20, p. 60-67, ago. 1972.

\_\_\_\_\_. *Antologia Retirante* (poemas). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

\_\_\_\_\_. *Creio na Justiça e na Esperança*. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

\_\_\_\_\_. *Cantares de la entera libertad*. Antología para la Nueva Nicaragua. Manágua: IHCA; CAV; CEP, 1984.

\_\_\_\_\_. *Nicarágua: combate e profecia* (edição completa, com os anexos sobre Cuba e El Salvador). 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986a.

\_\_\_\_\_. Carta al Papa Juan Pablo II. São Félix do Araguaia, 22 de fevereiro de 1986b.

Disponível em: <<http://serviciokoinonia.org/Casaldaliga/cartas/CartaAlPapa>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. *El vuelo del Quetzal*. Espiritualidad en Centroamerica. Panamá: Maíz Nuestro, 1988.

\_\_\_\_\_. *Cuando los días dan que pensar*: memoria, ideário, compromiso. Madri: PPC, 2005.

COMPANHIA de Jesus. *Congregação Geral XXXII*: Decretos. Lisboa: Companhia de Jesus, 1975.

COSTA, Iraneidson Santos. *Que papo é esse?* Igreja católica, movimentos populares e política no Brasil (1974-1985). Feira de Santana: UEFES, 2011.

ESTUDIOS Centro-Americanos (ECA). Para onde vai a Igreja? *Cadernos do CEAS*, n. 99. Salvador, p. 51-58, set./out. 1985.

LAMET, Pedro Miguel. *Arrupe*: um profeta para el siglo XXI. 9. ed. atualizada. Madri: Temas de Hoy, 2002.

NEUTZLING, Ignácio. Fundamentação inaciana para a pastoral popular dos jesuítas. In: COMPANHIA de Jesus. *Pastoral popular*: fundamentação inaciana. São Paulo: Loyola, p. 9-76, 1991.

SARIEGO, Jesus Maria. Arrupe y Centro-América: história de una pasión. In: LA BELLA, Gianni (org.). *Pedro Arrupe, general de la Compañía de Jesús*: nuevas aportaciones a su biografía. Bilbao: Mensajero; Santander: Sal Terrae, p. 427-462, 2007.

SILVA, Jonas Jorge da. “Sigo com meu irmão Parkinson”, manifesta-se Pedro Casaldáliga. *IHU On-Line*, São Leopoldo, 1º jul. 2015. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/169-noticias/noticias-2015/544130-sigo-com-meu-irmao-parkinson-manifesta-se-pedro-casaldaliga>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

SOSA, Arturo: “Hemos comenzado seriamente el proceso de beatificación del padre Pedro Arrupe”. *Info SJ*: Información de la Compañía de Jesús en España. Madri, 11 de julho de 2018. Disponível em: <<https://infosj.es/noticias/14177-arturo-sosa-sj-hemos-comenzado-seriamente-el-proceso-de-beatificacion-del-padre-pedro-arrupe>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

VIDAL, José Manuel. Entrevista exclusiva a don Pedro, el Obispo-poeta que se apaga en el Mato Grosso. *Religión Digital*, 26 de setembro de 2017. Disponível em: <<http://www.periodistadigital.com/religion/america/2017/09/26/monsenor-casaldaliga-preferiria-que-no-hubiese-independencia-en-cataluna-iglesia-religion-obispo-brasil-espana-papa.shtml>>. Acesso em: 28 mar. 2018.